

Fernando Molica

RC e JG cantaram um país amoroso

A participação do pernambucano João Gomes (23 anos) no Especial do capixaba Roberto Carlos (84) foi um daqueles momentos capazes de dar sentido a uma ideia de país — não como algo excludente ou xenófobo, mas de um sentido inclusivo, carinhoso e cheio de talento.

Praticamente todos os nomes de sucesso da MPB já passaram pelo programa do Rei que, uma vez por ano, abre seu palácio virtual para legitimar, homenagear ou tirar uma casquinha de jovens que arrasam quarteirões pelo país afora.

Cantar ao lado dele é assim receber uma condecoração, título de cavalheiro ou de dama da Ordem Real de RC. É como se Roberto pousasse uma espada no ombro dos agraciados.

Goste-se ou não de Roberto Carlos, é impossível não saber de sua existência, de não reconhecer sua importância na música brasileira, da permanência de seu repertório entre nós. Todos conhecemos algumas ou muitas canções de RC, sabemos cantá-las.

Mas o impacto da presença de João Gomes isso foi um pouco além do esperado — e olha que quem escreve só foi ouvir falar nele quando de seu me-

gashow em outubro, na Lapa, no Centro do Rio.

Talvez essa surpresa tenha sido pela diferença de idade entre eles — 61 anos! —, pelo jeitão de menino, pelo repertório de viés romântico-abusado (o que remete ao RC dos anos 1970), pelo chapéu estilizado de vaqueiro e, principalmente, pela voz que parece incorporar Luiz Gonzaga e, um pouco menos, Dominginhos.

É como se houvesse ali um absurdo dueto entre dois reis (o pernambucano de Exu reinava no baião). O palco abrigava pontes dinâmicas: geracionais, geográficas, musicais e culturais. O Brasil cantado por Gonzagão, Dominginhos e João Gomes é, no fundo, muito parecido com o de Roberto Carlos.

As músicas de todos eles tratam de sentimentos, de namoros, de saudades, da vida da gente que tanto rala por aqui. São canções que tocam nos bares, nas esquinas, nas festas, nas praças públicas, nos subúrbios.

RC é urbano; João Gomes, assim como os outros dois pernambucanos, trata de uma nostalgia do rural, do vaqueiro, do interior do Nordeste. Sua modernidade é temperada pela memó-

ria de um sertão bem diferente daquele que tem imperado nos últimos 30 anos.

Ele não trata do sertão do agronegócio, da terra feita escrava das máquinas, produtora de ração, riqueza, votos e poder — nada mais distante de JG do que a figura do agrobóia arrogante, que laça aquela com quem quer ficar.

O garoto de Serrita joga em outro campo. Não usa chapelão de cowboy nem se espelha no modelo norte-americano de homem rural. Sei lá se ele já foi vaqueiro ou agricultor, mas sua postura é de quem vê a terra como parceira, sofre com ela a ausência da chuva, fica emocionado quando um açude sangra, transborda de tanta água — como diz o cearense Xico Sá, nada é mais bonito.

Juntos, RC e JG cantaram um país capaz de se olhar e de respeitar diferenças. Apesar de tudo, das sucessivas safras de ódio e de intolerância, vale acreditar num Brasil que, como na letra de “A volta” (canção de Roberto e Erasmo que João cantarolou no palco), ainda guarda o que há de bom em si, tanta ternura e tanto amor. Que o recado da dupla esteja presente no próximo ano. Feliz 2026!

Arnaldo Niskier*

A prioridade na matemática

Se compararmos o aprendizado do Português e da Matemática dos nossos alunos do ensino fundamental, a segunda matéria sai perdendo de longe — e isso não é bom. O ensino da ciência dos números tem uma importância muito grande, no aprendizado em geral. O medo de lidar com os números é uma triste realidade, além do discurso vigente de que nem todos são capazes de aprender Matemática.

No Plano Nacional de Educação (PNE), ora em discussão no Congresso Nacional, discute-se a importância da alfabetização, mas é essencial incluir a Matemática nessa apreciação.

O fato de que ela apresenta os piores indicadores não pode servir de pretexto para excluir a matemática da necessária prioridade. Há uma triste realidade: nossos alunos saem da escola sem saber o mínimo da Matemática. Isso se reflete em concursos internacionais, como é o caso do Pisa. E também no conceito de empregabilidade e no que entendemos por exercício da cidadania. Devemos combater a ideia de que nem todos são capazes de aprender a fascinante matéria.

Mais de 60% dos nossos alunos do ensino fundamental terminam essa etapa sem dominar o que chamamos de regra de três. Sabe-se que os alunos que têm esse domínio, nos empregos para os quais são mobilizados, ganham muito mais, o que é uma vantagem nada desprezível.

Quando preparamos a coleção de livros intitulada “A Nova Matemática” (Bloch Editores), na década de 79, em parceria com a saudosa professora Beatriz Helena Magno, que vendeu 10 milhões de livros, sobretudo no Programa Nacional do Livro Didático, levamos em consideração todos esses aspectos, daí as razões desse grande sucesso. Não podemos compactuar com esses abismos de aprendizagem e os livros são instrumentos de fundamental relevo.

É claro que a base de todo esse projeto deve ser a formação dos professores (como eu tive o privilégio do estudo na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, com mestres consagrados como o saudoso Professor Haroldo Lisboa da Cunha). Há mestres competentes que devem ser procurados.

***Escritor. Membro da Academia Brasileira de Letras e da Academia Carioca de Letras. Comendador do Superior Tribunal do Trabalho. e Doutor Honoris Causa da Universidade Santa Úrsula**

Tales Faria

“Excesso de segurança”, reclama agora o clã Bolsonaro

Poucas horas antes da madrugada desta sexta-feira (26), quando o ex-diretor da Polícia Rodoviária Federal Silvinei Vasques foi preso no Paraguai fugindo do Brasil em direção ao Equador, Carlos Bolsonaro, o filho Zero-Dois do ex-presidente Jair Bolsonaro (PL), postava na rede social “X”:

“Acompanho a internação para a oitava cirurgia decorrente da tentativa de assassinato contra o presidente @jairbolsonaro [...]. Confesso que, desta vez, o número de policiais mobilizados para acompanhar o procedimento e toda a movimentação ultrapassa qualquer limite que qualquer ser humano consideraria razoável —é algo absolutamente inacreditável e constrangedor. [...] O que se impõe [...] é nitidamente intimidatório. [...] De ontem para hoje, chegaram ao absurdo de proibir o acompanhamento até com relógio no pulso, mantendo uma rotina de restrições que todos já conhecem e que se repete dia após dia. [...] Não há como não se indignar diante da persistência dessa perseguição.”

É compreensível a dor do filho com os problemas de saúde do pai. Mas também não há como ignorar os motivos que levam o ministro Alexandre de Moraes, do STF, a se preocupar com o risco de fuga dos condenados pela tentativa de golpe de Estado que resultou nos ataques às sedes dos Três Poderes, em Brasília, no dia 8 de janeiro de 2023.

Por causa da tentativa de fuga de Silvinei, neste sábado, 27, o ministro Alexandre de Moraes, do STF, determinou medidas restritivas contra 10 condenados pela tentativa de golpe. A Polícia Federal não encontrou Carlos Cesar Moretzsohn Rocha, presidente do Instituto Voto Legal no seu endereço. É Outro considerado foragido.

Em novembro de 2024, a Justiça argentina encontrou e prendeu 61 brasileiros foragidos que também haviam sido condenados pelos atos golpistas.

O próprio ex-presidente Bolsonaro levantou suspeitas sérias sobre si em dois episódios. O primeiro foi quando resolveu se abrigar por dois dias na embaixada da Hungria, em fevereiro de 2024, após o STF ter determinado a apre-

são de seu passaporte.

Ao dar o furo de reportagem, o jornal “New York Times” afirmou: “Dadas as circunstâncias —um político enfrentando potencial prisão dormindo em uma embaixada estrangeira controlada por um aliado político— tinha todas as características de um homem buscando asilo político.”

O segundo episódio a levantar mais suspeitas sobre a intenção de fuga de Bolsonaro ocorreu na madrugada do dia 22 de novembro, quando os bolsonaristas haviam programado uma vigília em frente à sua residência em Brasília que poderia distrair os seguranças da Polícia Federal.

Bolsonaro cumpria prisão domiciliar. Naquele dia ele tentou destruir a torradeira sua eletrônica. O equipamento apareceu queimado e o ex-presidente admitiu ter sido o executor. Uma perícia da PF divulgada no último dia 17 confirmou.

Ou seja, têm todo direito, Bolsonaro e seus filhos de reclamar. Mas também a Justiça e a polícia têm motivos de sobra para se precaver.